

“Temos orgulho em envergar as insígnias de Alvalade nas camisolas”

MIGUEL TEIXEIRA

Presidente do **Clube de Rugby São Miguel**

WA

Começou por ser apenas um pai à procura de uma modalidade desportiva para inscrever dois filhos, Miguel e Francisco, então com seis e oito anos. Na altura, Miguel Teixeira vivia em Alvalade e o rugby à porta de casa pareceu-lhe uma boa opção, rompendo com a tradição familiar do andebol que praticara desde os nove anos, tal como o irmão, pai e avô.

Sem dar conta, o rugby entrou na sua vida e com ele o Clube de Rugby de São Miguel, de quem se tornou presidente a partir de 2017 e um emotivo e incansá-

vel defensor. A filha Maria, entretanto, juntou-se aos irmãos e tornou-se praticante desta modalidade no Clube. “Aqui, as mulheres também cabem no rugby”, afirma Miguel Teixeira para quem “o São Miguel tem na genética uma abertura total à sociedade, livre de qualquer preconceito”.

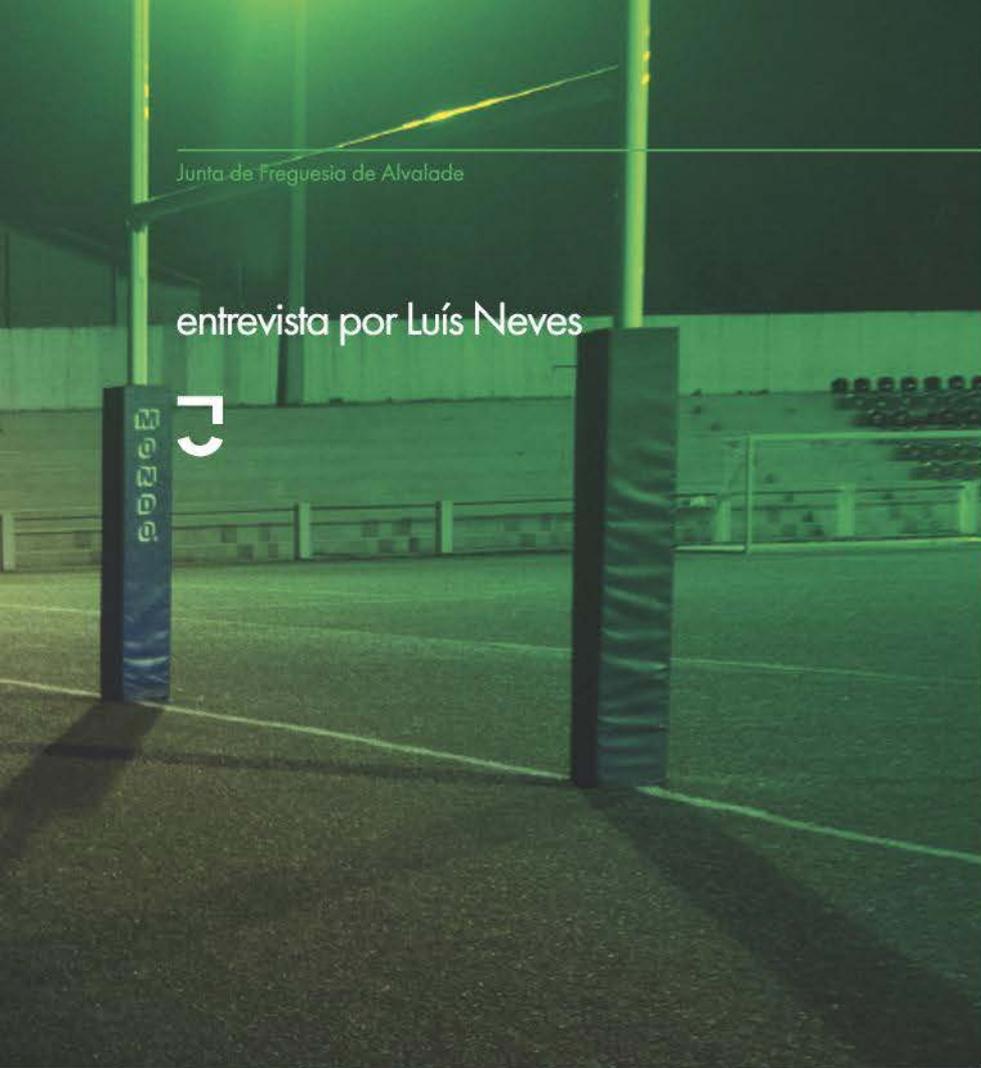
Neste momento, o São Miguel é um dos dois únicos clubes que têm equipas masculinas e femininas a disputar a principal competição de rugby em Portugal. Isso “é um motivo de orgulho pelo caminho andado até agora,

resultado do enorme trabalho feito por todos aqui”, refere o presidente.

Miguel chegou ao rugby através dos filhos, apaixonou-se pela modalidade e ficou no Clube a trabalhar para o desenvolver, pro bono, aliás como acontece com todos os membros dos órgãos sociais.

Fundado a 31 de março de 1970 a partir da pastelaria Trevi, na avenida de Roma, ponto de encontro de um grupo de estudantes do ensino secundário residente no bairro de São

entrevista por Luís Neves



Miguel, o Clube foi-se alargando a outros jovens de Alvalade e dos Olivais, na época áreas de expansão da geografia da cidade a novos casais com filhos ansiosos de conviver e praticar desporto.

No início, o Clube fez uma parceria com a Universidade Livre, a primeira instituição de ensino superior privada em Portugal, para poder usar as instalações do Estádio Universitário e durante cerca de vinte anos esteve de portas abertas até ao início dos anos de 1990.

Após um período de paragem, em 2009 retomou a atividade para uma segunda vida, com força e energia, utilizando os equipamentos do INATEL.

Hoje em dia, “as instalações que temos sob nossa gestão resultam de uma candidatura que o Clube apresentou a um orçamento participativo da cidade de Lisboa em 2010”, explica Miguel Teixeira. Na ocasião, o projeto do Clube de Rugby de São Miguel foi o que recolheu mais votos, entre as mais de 900 propostas a concurso. “Demorou nove anos, mas aqui estamos

depois de muita burocracia e alguns acidentes de percurso”, confirma o presidente. A abertura deu-se a 2 de fevereiro de 2019 e a partir dessa data as instalações ficaram à disposição da comunidade.

Fruto do crescimento, o espaço já é pequeno para a taxa de utilização permanente que chega quase aos 100% – entre as 8h00 e a meia noite todos os dias do ano, exceto as três datas em que encerra (véspera de natal, natal e ano novo) – uma das mais altas na cidade de Lisboa para equipamentos desportivos.

Alvalade está no ADN do Clube desde o primeiro dia e mantém-se tão presente como no princípio. Grande parte do grupo fundador dos jovens do bairro de São Miguel continua nas fileiras do Clube, mas o trabalho de conquistar mais sócios, o apoio do comércio e das empresas de Alvalade não pode parar. “Agradeço muito à comunidade que nos apoia com carinho efetivo e afetivo. Retribuímos com muito orgulho envergando as insígnias da freguesia nas nossas camisolas”, assinala Miguel Teixeira com visível emoção. “Nunca abandonar a genética que nos torna

próximos das pessoas e da comunidade é uma das nossas principais metas, ao mesmo tempo que lutamos por ser a marca número um no rugby nacional”, sintetiza o presidente.

Formadores de cidadania

É realista chegar ao topo do rugby nacional? A resposta de Miguel Teixeira é positiva. “Há dez anos militávamos na última divisão do rugby português e hoje estamos entre os cinco clubes com mais atletas”, adianta. Considerando mulheres e homens, só dois clubes em Portugal – entre eles o São Miguel – estão na divisão principal e com regularidade. Adianta o presidente, “somos uma marca reconhecida, as bancadas estão cheias e isso conforta-nos porque o crescimento é espetacular e sente-se a cada dia”.

Apesar de lutar para ser a marca número um do rugby em Portugal, trabalhar todos os dias para estar mais perto de o conseguir, o Clube defende que “o mais importante é nunca esquecer que a primeira função é serem formadores de cidadania” e cultivar os valores que o desporto traz, como a amizade, companheirismo, responsabilidade, consciên-

cialização. Exemplo disso é a prática dos atletas limparem os balneários, no final dos jogos, quer joguem em casa ou fora. O desporto é encarado como uma ferramenta para a vida.

Depois de um jogo, combate saudável feito com respeito, o rugby tem uma terceira parte, a mais importante na opinião de Miguel Teixeira, em que árbitros e equipas adversárias se juntam para confraternizar numa grelhada. Outras modalidades não têm este respeito e culto pela partilha.

“Somos um”

“Quantos é que nós somos? Somos um!” é a divisa do Clube de Rugby de São Miguel, desde a sua criação. O princípio é simples, se um atleta só não faz a diferença, todos têm espaço na equipa, sejam altos, baixos, magros ou gordinhos. “Quantos somos? Somos um!” é, assim, uma pergunta e resposta de consciência.

Apesar da prática da modalidade estar conotada com uma elite económica, no Clube defende-se a inclusão, existindo bolsas desportivas internas para ajudar atletas de famílias desfavorecidas. “O desporto é uma ferramenta inclusiva de traba-

lho na comunidade e um elevador social, tal como a educação e a cultura”, defende Miguel Teixeira. Nesse sentido, o Clube trabalha, por exemplo, junto da comunidade do Bairro da Flamengo (Marvila e Chelas), numa parceria com o Batic Amigo que conta, entre outros, com o apoio das Fundações Aga Khan e António da Mota, para que os jovens possam encontrar no rugby um instrumento útil para a construção do seu projeto de vida.

“Quando perdemos um atleta para comportamentos desviantes – isso acontece às vezes – é uma derrota e um soco no estômago e nesses momentos vamos a baixo”, desabafa Miguel Teixeira.

A parceria com a Junta passa também pelas festas da cidade e a celebração do Santo António nas instalações do Clube, com a participação de seis dezenas de voluntários do São Miguel durante o arraial. Mas os exemplos de ligação à comunidade não ficam por aqui e incluem parcerias várias com organizações não governamentais e instituições particulares de solidariedade social, convénios com universidades, troca de bilhetes de entradas nos jogos por alimentos. Na pandemia da Covid 19, o Clube manteve as portas

abertas e durante um ano ajudou na distribuição de refeições para lares e famílias com carências económicas. No fim “ficaram relações para o resto da vida”, confirma o presidente e muitas pessoas passaram a saber da existência da equipa de rugby e a assistir aos jogos.

“O São Miguel tem sido verdadeiramente estruturante e parceiro dos alvaladenses. Orgulha-nos que a Junta de Freguesia tenha confiança e segurança no Clube”, conclui.

“O cheiro de um balneário é inconfundível”

Cinco modalidades, mais de 700 atletas de todas as idades, a partir dos três anos, nas vertentes competitiva, atividade física e social. Estes é o retrato atual do São Miguel.

Há três anos eram 250, o que mostra a grande adesão ao Clube, a que não é alheia a visibilidade da participação da equipa portuguesa no mundial de rugby.





Nesta modalidade, entre formação e competição, contam-se quatro centenas de atletas. Touch Rugby é outra aposta do São Miguel.

O Clube fez o caminho das pedras na implementação desta modalidade e o ano passado conquistou os três títulos em disputa do *Grand Slam*.

O Touch Rugby é uma atividade física sem toque e inclusiva porque tem a particularidade de juntar homens e mulheres de várias idades na mesma equipa.

Este ano, o São Miguel iniciou também o Flag Football, variante de futebol americano que já é modalidade olímpica. O naipe de oferta do Clube inclui ainda o futebol americano e uma equipa de veteranos de andebol.

“Inscrevam os vossos filhos no desporto”, é o apelo de Miguel Teixeira. “É uma alegria que lhes estão a dar e a certeza de que farão parte de alguma coisa maior”. Essa “coisa maior” concretiza-se em aprendizagens físicas, sociais e emocionais importantes para a vida

conseguidas a partir de um desporto coletivo. Miguel identifica-as, “aprender a trabalhar a autoestima; aprender a partilhar a bola, o quadrado e uma área com os outros; ganhar responsabilidade num grupo e competências de relacionamento interpares”.

Por experiência própria, explica: “Quem fez desporto percebe o que vou dizer, o cheiro de um balneário é inconfundível e as grandes amizades constroem-se aí nessa partilha que não se perde nunca”.



Competitivo, emotivo e otimista

“Sou muito competitivo”, assim se define Miguel Teixeira. Característica que anda de mão dadas com uma sensibilidade social e humana que o faz emocionar-se facilmente.

Nasceu em 1977, viveu em Alvalade em períodos importantes da sua vida, estudou arquitetura, foi professor, gestor de obra e projeto e, hoje, dedica-se profissionalmente à área

da comunicação. Desde jovem, esteve ligado ao movimento associativo, foi dirigente estudantil e presidente da Associação Académica de Lisboa. “Tempos engraçados”, como gosta de recordar. Tem atividade política, como deputado municipal eleito pelo Partido Socialista, mas assume ter amigos em todos os quadrantes políticos.

“Todos ambicionamos o mesmo, o bem comum”, defende. “Perdeu-se a cultura de nos sentarmos à mesa e perceber o que cada um de nós pode trazer para atingir os nossos objetivos comuns”,

explica. Para Miguel Teixeira, pai afetivo de três filhos que abraça e beija sem pudor constantemente, “o maior mérito é termos uma sociedade que seja mais plural, mais justa... e na verdade, apesar de a Constituição dizer que somos todos iguais, o sítio onde nascemos ainda marca as oportunidades que temos”.

Presidente do Clube desde 2017, Miguel é um otimista. O contato com jovens fá-lo ter uma grande expectativa porque todos os dias os vê generosos e menos egoístas do que as gerações anteriores. “É preciso respeitar idades, etapas e sonhos... é preciso cair e falhar”, defende. O futuro do Clube encara-o com otimismo também, e um sorriso confiante na cara. Acredita ser possível melhorar o Complexo Desportivo de São João de Brito com um Centro de Reabilitação Desportiva, um Clube de Padel, área de estudo para atletas e um espaço de lazer e consumo, com supermercado e restaurante que sirva de apoio ao bairro e continue a reabilitação daquela área da freguesia. É para isso que toda a equipa trabalha. “A reabilitação do bairro de São João de Brito iniciou-se com a construção deste complexo e não pode parar”, conclui. **LN**